

Da antropofagia Tupinambá à gambiarra: processos de incorporação/ From Tupinambá anthropophagy to kludge: incorporation processes ¹

Maria Fernanda de Mello Lopes²

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre a gambiarra enquanto prática cultural, enquadrada também como marginal. A noção de gambiarra utilizada se acerca da proposta feita pelo crítico de arte Moacir dos Anjos, e é articulada aos conceitos de mestiçagem e incorporação. A gambiarra é também compreendida de acordo com o uso corriqueiro da palavra - os inúmeros improvisos no dia-a-dia -, que envolve objetos e materiais deslocados/transformados de seus usos e funções originais; remete tanto à atitude quanto à coisa improvisada. A noção de mestiçagem segue a visão de Amálio Pinheiro, que aponta para os elementos da cultura que coexistem enquanto mescla. Para compreendê-la, utiliza-se a definição de incorporação elaborada por Viveiros de Castro a partir dos rituais antropofágicos dos Tupinambás no século XVI, bem como a noção de antropofagia de Oswald de Andrade. A partir desse aparato teórico são tecidas relações que se voltam às tendências aglutinantes presentes na gambiarra.

PALAVRAS-CHAVE: Incorporação; Mestiçagem; Gambiarra; Antropofagia; Cultura.

ABSTRACT

This work proposes a reflection about gambiarra ('kludge', in a loose English translation) as a cultural practice, considered also as a marginal one. The research approaches gambiarra according to the definitions proposed by art critic Moacir dos Anjos, articulated to the concepts of mixture and incorporation. Gambiarra is also understood according to the ordinary use of the word - the uncountable daily improvisations -, that involves objects and materials dislocated/transformed from their original uses and functions. It refers to the deviant attitude as much as to the improvised object itself. The notion of mixture follows the propositions of Amálio Pinheiro regarding the coexistence of mixed cultural elements. For a better comprehension, the research uses the idea of incorporation provided by Viveiros de Castro, who analyses Tupinambás anthropophagy rituals in the 16th century, along with Oswald de Andrade's views on anthropophagy. Based on these theoretical references, the article establishes connections between the agglutinative tendencies present in gambiarra.

KEYWORDS: Incorporation, Mixture, Kludge, Anthropophagy; Culture.

¹ O presente texto foi apresentado no V Simpósio de Estética "Arte fora do eixo: produção e pensamento", em maio do ano de 2018.

² Mestranda do Programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica - PUC-SP

1 Introdução

Este texto se propõe a pensar a ideia de gambiarra enquanto objeto da cultura, especificamente na América Latina e no Brasil, ambientes cujos processos culturais, em seus desdobramentos, contam com inúmeras contribuições de diversas culturas, como a africana, indígena, árabe, mourisca, italiana, espanhola, japonesa, alemã, cigana, dentre outras. Por esse motivo, tais processos serão interpretados aqui a partir do conceito de mestiçagem. Para desenvolver um entendimento da gambiarra e ajudar na compreensão desta ideia de mestiçagem, lança-se mão das noções de incorporação e antropofagia.

Nas palavras de Amálio Pinheiro, professor do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP:

Mestiçagem aqui não remete ao cruzamento de raças, ainda que obviamente o inclua, mas à interação entre objetos, formas e imagens da cultura. A mestiçagem não opera por fusão, que apaga as diferenças, nem por mero reconhecimento das diversidades (...) que as mantém isoladas: é sim um conhecimento a partir do bote canibalizante no alheio, em vaivém e ziguezague, montagem em mosaico móvel dessas multidões de outros, suas linguagens e civilizações. Está, portanto, aquém das lógicas binárias da identidade e das oposições: as dualidades dos centros e das periferias não lhe servem. A mestiçagem é uma onça alegre que se alimenta de todas esses outros (bichos, gentes, objetos) escondidos, abandonados e rejeitados. (PINHEIRO, 2015).

No desenvolvimento desta reflexão, a gambiarra será vista como uma forma de prática mestiça. Aqui o termo gambiarra é entendido de acordo com o uso corriqueiro da palavra, como quando nos referimos ao clipe de papel usado para prender qualquer outra coisa, ou o coque do cabelo preso com uma caneta. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:

Gambiarra (gam.bi.ar.ra) substantivo *feminino* 1. *elctr* extensão elétrica de fio comprido, com uma lâmpada na extremidade, que pode ser movida para diversos locais dentro de certa área; 2. B; *infrm.* extensão puxada para furtar energia elétrica; gato; 3. B; *infrm.* série de lâmpadas ou refletores de iluminação; 4. B; *gír.* coisa malfeita ou feita sem capricho; 5. B; *gír.* recurso popular, criativo, para resolver algum problema • *não encontrou o gancho para a rede e fez uma g.* (HOUISS, 2015, p.951)

Para olhar a gambiarra enquanto uma prática mestiça, irão auxiliar nesta techedura os conceitos de incorporação, trazido pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro no ensaio “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), e o de antropofagia de Oswald de Andrade.

A incorporação, trabalhada por Viveiros de Castro a partir de rituais antropofágicos em comunidades indígenas, servirá como ponte para pensar os mecanismos que compõem a mestiçagem em suas formas de agir. Na perspectiva em que se desenvolve esta análise, a mestiçagem se coloca como uma ferramenta para pensar os processos culturais.

2 O mármore e a murta

“A murta tem razões que o mármore desconhece” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.221). Esta frase de Viveiros de Castro traz à tona questões sobre modos de ser e de se relacionar muito frequentes em sociedades como as da América Latina (o que não quer dizer que não ocorra em outros contextos).

No ensaio, o autor se vale das metáforas do mármore e da murta para comparar a tendência à flexibilidade das culturas em relação às possibilidades escultóricas de tais materiais. A murta seria facilmente moldável, ao mesmo tempo em que perderia muito rápido a forma talhada; já o mármore, por ser mais rígido, demoraria mais para aderir a uma forma, porém, uma vez modelado, assim permaneceria. Neste sentido, colocando em termos gerais, o texto compara sociedades como as da América Latina, mais próximas da murta, logo, com maior facilidade em assimilar e incorporar novos traços culturais, e sociedades como as da Europa Central, mais próximas do mármore.

O antropólogo, nestes escritos, trabalha o contexto específico do Brasil no século XVI, e as relações entre as comunidades indígenas Tupinambás e os padres jesuítas. Ao longo do ensaio, Viveiros de Castro utiliza o termo “Tupinambá” para designar diversos grupos tupi da costa brasileira, como os Tupiniquim, Tamoio, Temiminó, Tupinaé, Caeté, que de acordo com o

antropólogo: “falavam na mesma língua, participavam da mesma cultura.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.186)

O texto nos oferece algumas pistas para entender o desenvolvimento de tal flexibilidade em algumas sociedades, associadas à murta. Um fato que causou grande impacto no desenvolvimento cultural da América Latina foi o processo de colonização, trabalhado no ensaio a partir da relação dos jesuítas com os indígenas. Esse encontro deu início a uma confluência de múltiplas culturas, anteriormente desconhecidas, que passaram a coexistir intensamente. Instauraram-se fluxos de coisas, pessoas, bichos, e de todas as atmosferas que cada uma delas traz, deslizando e friccionando-se umas nas outras, culminando em processos diversos, muitos deles violentos e dolorosos. Ademais, há que se levar em conta as variadas origens daqueles que vinham para colonizar, muitos deles provenientes de tradições nômades, inclinados a movimentos, deslocamentos e dinâmicas voltadas para as trocas.

A esse respeito, Amálio Pinheiro coloca que:

Culturas que no seu interior abrigam um número maior e crescente de culturas, muitas delas não descritas (ou mal descritas) têm de aumentar a sua capacidade de tradução, acelerar a imbricação entre códigos, textos, séries e sistemas, afinar a sintaxe combinatória e a complexidade ‘estrutural’. (PINHEIRO, 2013, p.18).

Desta maneira, é possível compreender as sociedades da murta, da América Latina, como sociedades com agilidade em acessar elementos oriundos de processos culturais distintos. Incorpora-se o entorno, aquilo que emana dos outros. Logo, a troca informacional é mais intensa e frequente do que nas de culturas que, por serem mais fechadas, tendem a permanecer ensimesmadas.

Pensando a partir do mote “Arte fora do eixo: produção e pensamento”, do Simpósio no qual este texto se apresenta, pode-se dizer que sociedades como as da murta tendem a estar mais distantes do eixo, ou mesmo completamente fora, ao contrário das sociedades do mármore, que por estarem mais enrijecidas e vinculadas a seus cânones, estabelecidos e mantidos há mais tempo, tendem a se voltar mais para si mesmas. Logo, estão mais próximas do que se entende como pensamento binário e cartesiano, como o das artes e das ciências clássicas, o que aqui pode ser entendido como dentro do eixo.

Contudo, é preciso ter em vista que o que está colocado se refere a tendências dos processos culturais, o que não impede que indivíduos desenvolvam características diferentes das sociedades nas quais estão inseridos. As próprias categorias - mármore e murta - são postas com intuito didático, sem nenhuma pretensão de enquadrar a realidade em qualquer tipo de dicotomia. A partir destes diferentes contornos delineados, já se evidenciam dessemelhanças entre ameríndios e europeus. Como descreveu Viveiros de Castro, para os primeiros, “os outros são uma solução, antes de serem - como foram os invasores europeus – um problema.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 220-221).

3 A incorporação

No exemplo trazido por Viveiros de Castro, um dos traços fundamentais da cultura Tupinambá eram os rituais antropofágicos. A antropofagia estruturava a comunidade, interna e externamente, por meio de ritos de passagem, trocas de nome e rituais de vingança. De forma bastante resumida, a vingança consistia em honrar a morte de um guerreiro de uma comunidade matando outro guerreiro da comunidade considerada assassina. Aquele que seria sacrificado não poderia ter maior honra do que ser digno de ser comido e futuramente vingado.

O antropólogo esmiúça relatos dos jesuítas que descrevem a dificuldade em lidar com os índios nas tentativas de catequização. Muitas vezes, ainda que se mostrassem extremamente adeptos aos ensinamentos, rapidamente se colocavam como se já houvessem esquecido todo o aprendizado. Embora essa inconstância fosse bastante acentuada, um dos costumes mais difíceis de serem combatidos pelos padres seriam os da guerra e o do canibalismo, imbricados um no outro.

Este artigo não pretende aprofundar temas ligados às formas de operar das comunidades indígenas, mas sim ressaltar a propensão à inclusão como uma vertente que veio e vem a influenciar no âmbito cultural.

A incorporação aqui colocada consiste em uma maneira de se lidar com o que está ao redor, sem recair em uma lógica dicotômica, um devir

incorporador/antropofágico que aglutina o que está ao redor como uma forma de existir, já presente nas comunidades ameríndias. Realizando assim cruzamentos, constituindo o que aqui entendemos como mestiçagem e que nas sociedades da murta já estava presente de saída. Neste sentido, esta incorporação que os Tupinambás vinham fazendo pode ser entendida aqui como um gesto mestiço.

Desta maneira, compreendemos a mestiçagem como uma constante, um jeito de ser e de agir presente nas sociedades da murta. Uma ação que engloba o outro e sua cultura, sem, porém, abandonar o que antes se tinha e sem exatamente criar uma terceira coisa, seria algo que coexiste nessa confluência de elementos. Nas colocações de Amálio Pinheiro:

A aceleração dos dispositivos tradutórios inscritos nos mecanismos produtivos das culturas plurais intensifica reticularmente o pendor para a incorporação material do alheio. Tal incorporação só pode ser percebida, na maior parte das vezes, nas juntas ou dobradiças em que as partículas são transferidas intersticialmente de umas linguagens para outras, onde se desenha esse entre mestiço de formas em devir. O que aí toma corpo são pequenas diferenciações transversas de tom ou ritmo e não oposições entre marcadas diferenças. (PINHEIRO, 2013, p.18).

4 A gambiarra

O que aqui se propõe é olhar para a gambiarra como todo objeto ou material, ou mesmo o aglutinamento destes e entre estes, que tem a sua utilização desviada daquela função que “originalmente” lhe foi dada “direto da fábrica” ou de acordo com os costumes e regras sociais. Entretanto, é preciso atentar para o fato de que o compreendido como direto de fábrica está vinculado ao universo dos produtos industrializados, criados e vendidos para determinada função (BOUFLEUR, 2013). As gambiarras são, portanto, improvisos para sobreviver ao cotidiano, para resolver assuntos urgentes e pontuais com o que quer que se tenha à mão naquele momento; não se pretendem como as melhores soluções e tampouco as mais resistentes. São maneiras de tecer relações entre objetos e materiais e de se relacionar com estes em ocasiões e contextos que escapam ao preordenado. São usos invariavelmente marginalizados, julgados como mal-acabados, relaxos, coisas porcas; ao mesmo

tempo, podem beirar o perigoso, a punição (como no caso dos gatos de eletricidade) e o cômico.

A partir desta perspectiva, e entendida como um objeto da cultura, a gambiarra é interessante para pensarmos processos culturais, que neste caso se dá pela composição via encrespamentos inusitados de materiais e funções.

Nas palavras do crítico de arte Moacir dos Anjos:

A gambiarra portanto, é um termo que pode ser utilizado para caracterizar produções culturais e artísticas híbridas que são geradas desde um determinado lugar, como modos de posicionar-se frente ao processo de homogeneização simbólica em curso. Produções que por conta da natureza movente e conflituosa das relações que as fundam, não promovem a completa fusão entre os variados elementos que as compõe, apresentando, de maneira simultânea e não hierarquizada, traços de formações culturais herdadas e de outras que, construídas na esfera cultural dominante, supostamente as acuum. (ANJOS, 2017, p. 50-51)

Interessa-nos aqui compreender as operações realizadas pelas gambiarras enquanto movimentos de criação em vaivém (PINHEIRO, 2013). E que, cada uma delas, com as suas singularidades, traz à tona a multiplicidade, por meio de uma forma de pensar e criar que desnaturaliza a ideia de eixo, a lógica binária do ideário cartesiano, e que entendemos neste contexto como interligação para com o conceito de mestiçagem. Além disso, uma chave para compreender as operações que possibilitam esta hibridação, de objetos e materiais, que compõe a gambiarra, consiste na absorção de elementos. Isto é, o ato de incorporar, desta maneira, se dá por meio da inteligência e agilidade na abertura ao entorno, o que possibilita o estabelecimento de relações que extrapolam os eixos do preordenado.

A compreensão que aqui se propõe para a gambiarra ultrapassa a sua materialidade propriamente dita, engloba o seu fazer e a disposição para que este gesto aconteça. Está claro que uma gambiarra é feita por conta de uma urgência. Porém, além deste problema imediato, existe um devir canibalizante. O que significa que há uma abertura tupi, uma expertise mestiça que serve de impulso e encontra sentido em recombinar o que está nos arredores, remexendo naquilo que estava enrijecido, uma vez que daquele jeito não lhe serve mais. Por

conta disso, não cabe reduzir a sua justificativa a questões apenas ligadas à escassez e à precariedade.

5 Afinal canibal

Não há como ignorar todo o histórico antropofágico presente nas culturas da murta. Sejam elas explícitas e propositalmente antropófagas, como bem disse Oswald de Andrade: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (ANDRADE, 1970, p.13), ou nem tanto, mas ainda, com sua mestiçagem de saída instaurada. Algo de canibal sempre houve, assim como algo de mestiço existe e se renova constantemente nestas sociedades.

Tanto o é que, no fim do ensaio, Eduardo Viveiros coloca em pauta o abandono da prática do canibalismo pelos Tupinambá, e traz como exemplo, e possível resposta, a dinâmica desenvolvida pelos Araweté, indígenas contemporâneos da Amazônia oriental, que em um devir canibal transformam seus inimigos em deuses e não mais realizam a prática ritualística antropófaga. Nas palavras dele: “não é necessário comer literalmente os outros para continuar dependendo deles como fontes de própria substância do corpo social, substância que não era mais que essa relação canibal com os outros” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.263). A antropofagia posta como um devir está presente para além da prática canibalesca propriamente dita, abarcando toda a relação com o outro e o entorno, e então vem como uma forma de se relacionar e de existir que ainda hoje permeia as sociedades da murta.

Talvez o abandono dos rituais antropófagos tenha sido mais uma abocanhada canibal, uma incorporação de novos costumes. Assim, este devir incorporador, que aglutina o que está ao seu redor, promovendo mestiçagens, vem materializado em cada gambiarra como um rastro do devir antropofágico dos Tupinambá.

Há sociedades estruturadas e ensimesmadas em seus eixos, como as do mármore, ao mesmo tempo em que existem outras, como as da murta, em que a base pode justamente ser não estar no eixo. Entre estar totalmente dentro ou fora de um padrão existe um infinito leque, e as múltiplas direções abarcam

simultâneas formas de ser. Possivelmente, o Brasil, hoje, fortemente avivado pelos devires da murta, possui um jeito de ser que inescapavelmente abarca várias estéticas e formas de existir entre os vários eixos e o fora dos eixos. Se assim como os Tupinambá foram constantes na sua inconstância (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.263), seria o nosso eixo estar fora do eixo?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. Civilização: Rio de Janeiro, 1970.

ANJOS, Moacir dos. *Contraditório: arte, globalização e pertencimento*. 1 ed. Ed. Cobogó, Rio de Janeiro : 2017.

BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. *Fundamentos da Gambiarra*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Editora 34, 2ª edição. Coleção Trans, São Paulo, 2011.

GUIMARÃES, Cao; ANJOS, Moacir dos. *CAO*. Cosac Naif: São Paulo, 2015.

HOUAISS, Dicionário. *Pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, Diretores Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manuel de Mello Franco*. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2015.

PINHEIRO, Amálio. *América Latina: barroco, cidade, jornal*. Intermeios: São Paulo, 2013.

PINHEIRO, Amálio. *Grupo Comunicação Barroco e Mestiçagem*, texto explicativo. 2015. Disponível em <<http://www.pucsp.br/barroco-mestico/algazarra.html>> Acesso em: 30/10/2017.

RENNÓ, Raquel. *Espaços residuais – Análise dos dejetos como elementos culturais*. Editora UFJF: Juiz de Fora, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. Cosac Naify: São Paulo, 2002.